ANGOLANA ATUALIDADE

Número 25 Rio de Janeiro, agosto de 1989

Rebeldes prosseguem a guerra

O governo é que tem a iniciativa da paz em Angola, segundo enfatizou o presidente José Eduardo dos Santos, em Luanda, ao discursar na abertura da segunda sessão ordinária relativa ao ano de 1989 da Assembléia do Povo (Parlamento), realizada no dia 16 de agosto. Depois de ter acusado veementemente os rebeldes da Unita de criarem dificuldades ao atual processo de reconciliação no país, o presidente angolano afirmou: "Provamos [as autoridades] que defendemos a paz."

Eduardo dos Santos responsabilizou os homens de Savimbi pela degradação do processo de paz, devido às constantes violações do cessar-fogo e ao prosseguimento da propaganda belicista contra o governo legal do país. Para o estadista angolano, isso demonstra, mais uma vez, que "a Unita é, na realidade, um fator de desestabilização e divisão da sociedade angolana" e que, igualmente, "a sua propaganda política de paz não passa de uma grande mentira".

Violações — As acusações do presidente José Eduardo dos Santos têm o respaldo dos fatos. No período compreendido entre os dias 1.º e 15 de agosto, a Unita prosseguiu as violações do cessar-fogo, tendo realizado mais de setenta ataques, dos quais resultaram 155 mortos, a maioria civis, e 224 feridos. Foram dadas como desaparecidas 52 pessoas, entre elas o cidadão filipino Jesus Baldonado, que trabalhava na empresa estatal de diamantes (Endiama) na província da Lunda Norte (nordeste do país). Os homens de Savimbi destruíram ainda doze casas, vinte veículos, uma ponte e roubaram dezenas de cabeças de gado e outros bens da população.

No seu discurso perante a Assembléia do Povo, Eduardo dos Santos afirmou que o governo continuará o trabalho diplomático, em especial junto aos Estados africanos, com vista a "ultrapassar as dificuldades criadas pela Unita". Mas advertiu, também, que "no plano militar, as Fapla [exército nacional] não vão permitir que a Unita obtenha vantagens no terreno". Depois de ter reconhecido que nas primeiras semanas depois de Gbadolite (nome da localidade zairense onde foram concluídos os entendimentos para a paz interna em Angola), "o inimigo deu a impressão de tomar a iniciativa tática", o presidente assegurou: "O sonho da Unita de tomar o poder pela força não será concretizado."

Novo encontro sobre a paz

O bloqueio das negociações para obter a paz interna em Angola foi analisado pelos presidentes da África Central e Austral, reunidos em Harare, capital do Zimbábue, no dia 22 de agosto. O encontro foi precedido de uma reunião realizada em Luanda, um dia antes, entre os cinco países africanos de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Desde os acordos alcançados no último dia 22 de junho, em Gbadolite (ver nossa edição de junho), o processo de paz em Angola tem sido abalado pelas sistemáticas violações do cessar-fogo estabelecido naquela altura, cometidas pelos rebeldes da Unita, chefiados por Jonas Savimbi.

A atitude dos homens chefiados por Savimbi impediu o sucesso das quatro reuniões já realizadas da comissão tripartite (Angola, Zaire e Unita) encarregada de estudar as modalidades práticas para a aplicação do plano de paz do governo, que foi aceito pela Unita, em Gbadolite. Os rebeldes sequer concordaram em instalar mecanismos de controle do cessar-fogo (uma ligação por rádio entre Luanda, Kinshasa e o quartel-general da Unita, na Jamba), conforme proposto pelo presidente zairense, Mobutu Sese Seko, que tem servido de mediador no atual processo de paz em Angola.

EDITORIAL

Tirem as mãos de Angola!

O mundo precisa saber: a maior potência do planeta quer a guerra em Angola. Depois de um primeiro instante em que a ambigüidade foi a tônica dominante do discurso diplomático americano sobre o atual processo para se conseguir a paz em território angolano, é agora claro que os Estados Unidos apostam na continuação do conflito militar entre o governo do presidente José Eduardo dos Santos e os rebeldes chefiados pelo controvertido Jonas Savimbi, que, obcecado pelo seu desejo de tomar o poder em Angola, não hesitou em aliar-se à racista África do Sul.

Na verdade, poucos dias antes da conferência de Gbadolite, um porta-voz americano havia declarado que os Estados Unidos não se oporiam a uma "solução africana" para o caso de Angola. Surpreendentemente, depois de essa solução ter sido encontrada, com base no plano de paz do governo angolano, a administração Bush divulgou publicamente que iria prosseguir o apoio à Unita, além de ter criticado certos aspectos dos entendimentos de Gbadolite. Não menos surpreendente, isso sucedeu na altura em que funcionários americanos discutiam com autoridades angolanas a possibilidade do estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países.

Não espanta, assim, que Jonas Savimbi e os seus homens se tenham sentido encorajados a fazer verdadeira letra-morta do cessar-fogo que deveria vigorar em Angola desde 24 de junho e, também, a levantar obstáculos a todas as tentativas para fazer avançar o processo de paz. O curioso é que a atitude de Washington acaba por deixar numa situação difícil um dos seus principais aliados na África, o presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, mediador entre o governo angolano e a Unita.

É difícil, de um ponto de vista racional, entender a hostilidade dos Estados Unidos em relação a Angola e a persistência do apoio à Unita, condenado por toda a África. As autoridades angolanas têm cumprido escrupulosamente os seus compromissos, no âmbito da pacificação da África Austral. Estão promovendo, igualmente, uma abertura política no país e uma ampla reforma econômica de orientação liberalizante. Só arcaicas motivações ideológicas, decorrentes da opção angolana pelo socialismo, poderão, portanto, estar na base dessa atitude. Neste caso, o velho *slogan* tem absoluta pertinência:

Americanos — tirem as mãos de Angola!

Mais informações sobre o processo de paz em Angola na página 3.

Propaganda mentirosa e parcial

"A Unita tem feito uma propaganda mentirosa, com distorções e omissões graves", denunciou em Luanda o presidente José Eduardo dos Santos, a propósito dos últimos posicionamentos dessa organização em relação ao processo de paz no país. Discursando numa sessão da Assembléia do Povo (Parlamento), o chefe de Estado angolano acusou os rebeldes apoiados pela África do Sul e os Estados Unidos de desvirtuarem os termos da declaração final da reunião de Gbadolite, além de omitirem deliberadamente a ata do encontro, único documento que especifica os entendimentos alcançados.

A atitude dos homens de Savimbi — notam os observadores — é facilitada pelo fato de essa ata ainda não ter sido divulgada publicamente. Eduardo dos Santos garante que o documento "coincide com os objetivos do plano de paz do governo angolano, baseado na aplicação da política de clemência e harmonização nacional". Disse ele, taxativamente: "O acordo de Gbadolite é a ata da reunião." Para o presidente angolano, os países africanos envolvidos com o acordo devem clarificar esse ponto, para não permitirem o confusionismo informativo da Unita.

Rapidez — A velocidade dos acontecimentos — contou Eduardo dos Santos — determinou a antecipação da conferência de Gbadolite para o mês de junho, em vez de agosto, como tinha sido previsto durante a reunião dos países da África Central e Austral, em Luanda (ver nossa edição de maio).

O presidente angolano acrescentou que um dos motivos que contribuiu para essa antecipação foi, precisamente, a aceitação da Unita do plano de paz do governo. O chefe de Estado do Zaire, Mobutu Sese Seko, foi quem, na sua qualidade de mediador, comunicou a Angola essa concordância dos rebeldes. "A Unita aceitou o plano de paz do governo com um acréscimo referente à concessão de um título honorífico a Savimbi, quando este se retirasse da cena política angolana para o exterior do país" — revelou José Eduardo.

Aparentemente, as explicações do presidente angolano têm por objetivo refutar as acusações de "oportunismo político" de que Mobutu foi alvo por parte da Unita, nos primeiros dias de agosto. O próprio presidente zairense lembraria a Savimbi que a reunião de Gbadolite começou a ser preparada no dia 22 de fevereiro, em Tóquio.

Religiosos apóiam a paz

Todas as igrejas existentes em Angola manifestaram o seu apoio ao atual processo de paz e reconciliação no país. Essa posição foi reafirmada num programa de televisão transmitido no dia 11 de agosto, com os máximos representantes locais das igrejas católica, evangélica, kimbanguista, do Nosso Senhor Jesus Cristo do Mundo (tocoísta), metodista, evangelista e batista.

Depois de terem expresso a sua total concordância com o plano de paz do governo e com os contatos em curso entre as autoridades e os rebeldes, os religiosos condenaram toda e qualquer violação do cessar-fogo acertado no último dia 22 de junho, em Gbadolite.

Anteriormente, já os responsáveis da Igreja Católica tinham saudado as iniciativas de paz desencadeadas pelo governo. No termo do Congresso Eucarístico Diocesano de Benguela (litoral centro do país), realizado na segunda metade do mês de julho, os bispos angolanos sublinharam que "a reconciliação não se limita às altas esferas da nação".

O papa João Paulo II associou-se também a estas manifestações. Em carta dirigida ao bispo de Benguela, ele disse: "Não se pode conseguir a paz se não se salvaguardar o bem das pessoas e os homens não comungarem entre si, com confiança, as riquezas do seu espírito e das suas faculdades criadoras."

Mobutu irritado com Savimbi

Surpresa. Foi com esse sentimento que o presidente zairense, Mobutu Sese Seko, reagiu às declarações do chefe da Unita, Jonas Savimbi, segundo as quais a conferência de Gbadolite foi "uma precipitação" e que, além disso, os rebeldes angolanos jamais tinham aceitado os entendimentos de paz concluídos naquela localidade, no dia 22 de junho, com o governo do presidente José Eduardo dos Santos. "O que se passou em Gbadolite teve o acordo das duas partes" — reiterou Mobutu.

O chefe de Estado zairense fez um histórico dos antecedentes que conduziram à reunião de Gbadolite e lembrou, em especial, que antes da conferência ele havia recebido por duas vezes, em caráter particular, o presidente angolano e o chefe da Unita. Em resposta à insinuação de Savimbi de que não cumpria de forma adequada o seu papel de mediador, Mobutu foi categórico: "Eu assumo a mediação em nome da África." Poucos dias depois desta troca de palavras pela imprensa, a mediação do presidente do Zaire foi encorajada pelos chefes de Estado da Linha da Frente (Angola, Botsuana, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue e Zâmbia) em reunião acontecida em Lusaca.

As declarações de Jonas Savimbi foram feitas, no início de agosto, ao jornal português *Diário de Notícias*.

ANGOP
AGÊNCIA ANGOLA PRESS
Diretor Geral: Julio Guerra
Diretor de Informação: Avelino Miguel
Diretor Técnico: Jose Abreu de Oliveira
Sede Central
Rua Rei Katyavala, n.º 120
Telefone: 334-593
Telex: 4160 ANGOP AN — Luanda
República Popular de Angola
Sucursais
Brasil
Diretor: Anibal João Melo
Diretor Adjunto: Felisberto Costa Filho
Endereço: Rua Álvaro Alvim, 31/501, CEP 20031, Centro, Rio de Janeiro
Telefone: (021) 220-9439
Telex: (021) 32462 ANBL BR

Portugal (Lisboa)
Diretor: Nazareth Van-Dúnem
Telefone: 533-704
Telex: 42758 ANGOP P

Grã-Bretanha (Londres)
Diretor: Joaquim Camati
Telefone: 493-1611
Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes:
António Santana, (Harare), Conceição Luanda (Berlim), Filipe Muacasso (Praga), José Chimuco (Havana), José Wolo Kossi (Brazzaville), Vasco Correia (Moscou)

ANGOLANA ATUALIDADE
Editor: Anibal João Melo
Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima e Felisberto Costa Filho
Pesquisa: João Belisário
Diagramação: Fabio Dupin
Arte-Final: Fernando de Oliveira
Composição e Impressão: Editora Lidador Ltda.

A "guerra santa" de Washington

A nova administração norte-americana está a revelar-se no processo de paz em Angola ainda mais ambígua do que as anteriores. Com Bush está a ser mais evidente a verdadeira intenção de Washington: pressionar até conseguir colocar em Luanda um governo que lhe seja propício.

A estratégia não é de agora. Começou antes por ser mal arquitetada, passou depois por fases críticas de muita indefinição, mas, agora, é clara, ostensiva e intervencionista.

O desejo americano tem muito a ver com as suas preocupações relativamente ao Zaire, território considerado indispensável para uma estratégia global.

Nos Estados Unidos preza-se muito a dependência do Zaire e não se pensa em alterar essa situação, mas também se coloca a hipótese — sempre provável — de os acontecimentos naquele país mudarem de rumo.

Essa probabilidade, do ponto de vista americano, é supostamente reforçada pela atual definição ideológica do governo angolano, pelo que os Estados Unidos estão, de fato, interessados em mudar essa definição.

Assim se explicam as afirmações e atitudes contraditórias dos americanos perante o processo de paz em Angola.

Desde a satisfação demonstrada pelo acordo encontrado em Gbadolite, as declarações de apoio à Unita, passando por claras ingerências não só nos assuntos internos de Angola, como inclusive no desenrolar do processo de negociações entre-aberto, tudo tem acontecido.

Herman Cohen comete de passagem algumas gafes, como a de sugerir a nomeação de Jonas Savimbi para primeiro-ministro de um governo angolano, passando por cima dos termos do acordo celebrado perante uma vintena de chefes de Estado africanos.

Estas declarações de Cohen deram cobertura às afirmações posteriores de Jonas Savimbi, que diz ter um exército de 75 mil homens, enquanto permite aos seus órgãos de comunicação gritarem *slogans* contra a "integração", isto é, contra o que ele próprio aceitou e subscreveu.

Ao apoiarem deste modo a Unita, os Estados Unidos estão a voltar atrás com o processo de paz em Angola, já que repõem um dos principais fatores da guerra: a interferência estrangeira.

(26.7.89)

Os cubanos — velho fantasma dos americanos — estão saindo de Angola rigorosamente dentro dos prazos acordados em Nova York, em dezembro do ano passado. Até este momento, deixaram o território angolano mais de 16 mil soldados cubanos, o que foi publicamente confirmado pelo general brasileiro Péricles Ferreira Gomes, comandante da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem).

Paralelamente, o governo do presidente José Eduardo dos Santos desativou uma operação militar que tinha preparado contra os grupos da Unita e que estes, privados da cobertura sul-africana, não estavam em condições de suportar, dando início, assim, a um processo de negociações para obter, por meios políticos, a paz interna no país. Esse processo — espera-se — deverá culminar com uma maior abertura e democratização da sociedade angolana.

No plano econômico, continuam a ser tomadas as medidas legislativas adequadas para a implementação do programa de saneamento econômico e financeiro (SEF), uma ampla reforma que visa diminuir a presença do Estado na economia e aumentar o papel da iniciativa privada em Angola. O governo acaba, também, de aderir ao Fundo Monetário Internacional e prepara-se para fazer o mesmo em relação ao Banco Mundial.

Neste contexto, só podem ser classificadas como incongruências as intromissões americanas em Angola, que traduzem o propósito da Casa Branca de destruir o governo do presidente José Eduardo dos Santos. A hostilidade dos Estados Unidos contra Angola assume, assim, características de uma autêntica "guerra santa", pois é motivada por razões absolutamente subjetivas. A seguir, transcrevemos, com algumas adaptações, os principais extratos de duas análises recentes do semanário português África *sobre esse assunto:*

A série de peripécias que tem rodeado o processo de paz em Angola, se, por um lado, amplia as dificuldades do que já era difícil, por outro evidencia de forma muito mais aberta os erros de concepção da política externa norte-americana.

De fato, os Estados Unidos, na África, não cometem apenas pequenos erros, a que todas as diplomacias estão sujeitas. São erros de base, só possíveis num conjunto de funcionários cristalizados pelos próprios processos de formação, condicionados por uma visão arrogante e expansionista do mundo.

Os altos funcionários americanos não conseguem, sequer, dividir o mundo em mais de dois: só existem eles próprios e outro grupo de altos funcionários — os soviéticos. O resto não existe — mais grave ainda: não tem direito a existir.

Para os americanos, uma vez que os soviéticos mudaram de política externa e reconheceram grande parte dos erros que tinham cometido na África, a oportunidade é deles.

Ao apoiar Jonas Savimbi e a Unita, os Estados Unidos estão a desprezar a possibilidade real de chegar à paz.

José Eduardo dos Santos percorreu um longo caminho para poder iniciar a atual dinâmica de paz e, nesse caminho, foi construindo prestígio interno e externo.

Administrando inteligentemente uma política de consensos, o presidente da República Popular de Angola é hoje a grande figura da unidade. Tem toda a confiança das forças armadas, consideradas o setor mais organizado e disciplinado da vida angolana e, tecnicamente, detentoras de um poderio reconhecido por meios internacionais independentes.

Politicamente, José Eduardo dos Santos é o grande denominador comum do Partido e tem, também, de um modo geral, a confiança de toda a população.

O silêncio da Casa Branca, face ao desrespeito sistemático por parte da Unita do acordo de Gbadolite, resulta, portanto, de uma análise bizarra, aparecendo o regime dos Estados Unidos como que dominado por ortodoxos incapazes de analisar a realidade que os rodeia e, pior do que isso, dispostos unicamente a impor a sua vontade.

Parece estar em curso o despoletar de mais uma aventura dos ultra-americanos, já que não se vislumbra outra maneira de continuar o apoio à Unita sem uma intervenção direta em Angola, através do Zaire e por cima de Mobutu.

(9.8.89)

DIPLOMACIA

OUA — Angola teve uma importante vitória diplomática na última reunião de cúpula da OUA, realizada no final do mês passado, em Adis-Abeba. Segundo o ministro angolano das Relações Exteriores, Pedro de Castro Van-Dúnem, presente à reunião, os problemas ligados àquele país foram tratados com "particular sensibilidade" e de forma "bastante profunda", principalmente no que diz respeito à paz. O ministro ressaltou que a notícia da derrubada de um avião angolano, que causou a morte de 42 pessoas e se constituiu na mais grave violação do cessar-fogo pela Unita, foi recebida com muita indignação. Ele sublinhou que os contatos diplomáticos que manteve à margem da reunião permitiram verificar a simpatia pelas posições angolanas no contexto da África Austral, em particular o seu empenho pela independência da Namíbia e pela paz em Angola e na região. Este apoio africano se confirmou com a aprovação de uma declaração na qual os chefes de Estado e de governo apelam aos Estados Unidos para cessarem toda a assistência militar e financeira à Unita. A reunião da OUA aprovou o plano de paz e reconciliação de Angola e exortou a comunidade internacional a apoiar as iniciativas que visam à harmonização de todos os angolanos, bem como exprimiu, também, o seu profundo apreço ao presidente José Eduardo dos Santos.

Visita — O deputado Carrion Júnior (PMDB-RS), presidente da Comissão de Economia da Câmara, esteve em Luanda, por dois dias, no quadro das relações de amizade e cooperação entre os parlamentos do Brasil e Angola. Durante a sua estada, o deputado brasileiro manteve encontros com autoridades do governo e dirigentes do MPLA — Partido do Trabalho, além de ter sido recebido pelo primeiro-secretário da Assembléia do Povo (Parlamento), Lúcio Lara.

Portugal — O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, declarou em Luanda, ao receber o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros, Durão Barroso, que Portugal poderá desempenhar um papel importante no processo de harmonização nacional que o seu governo está patrocinando. "Portugal conhece muito bem Angola e nos últimos tempos tem demonstrado uma atitude muito realista em relação ao povo angolano" — acrescentou. Eduardo dos Santos salientou que a forma mais eficaz da contribuição de Portugal seria a sua diplomacia apoiar os esforços de paz feitos na África Austral e Central, admitindo mesmo que o governo português dialogue com a Unita.

Índia — O ministro angolano das Relações Exteriores, Pedro de Castro Van-Dúnem, anunciou a abertura, em breve, de uma representação diplomática do seu país em Nova Déli. O chefe da diplomacia angolana fez este anúncio em audiência concedida à delegação do Partido do Congresso da Índia, que esteve em Angola a convite do MPLA — Partido do Trabalho. O chefe da delegação indiana, Anaud Sharma, expressou a necessidade de um maior esforço de cooperação.

ECONOMIA

Kapanda — O ministro angolano de Energia e Petróleos, Zeferino Cassa Yombo, manifestou satisfação pelo andamento das obras de construção da futura barragem hidrelétrica de Kapanda, o maior empreendimento de Angola nos últimos treze anos e que tem a participação de Furnas Centrais Elétricas e da Construtora Norberto Odebrecht. A primeira etapa do fechamento do rio Kwanza, onde será construída a barragem, já foi realizada. Cassa Yombo declarou que desde o último trimestre do ano passado as atenções em relação ao aproveitamento hidrelétrico de Kapanda estavam concentradas no desvio do rio, que permitiu o início da betonagem do corpo principal da barragem. A central hidrelétrica de Kapanda, um dos maiores empreendimentos do setor energético em construção na África, reúne os esforços dos governos do Brasil, Angola e União Soviética. Com a assinatura do contrato em novembro de 1984, as obras de Kapanda tiveram início em janeiro de 1985, com a montagem de uma base de apoio em Luanda.

COOPERAÇÃO

URSS — Um protocolo de cooperação econômica, científica e comercial foi assinado em Luanda, ao término dos trabalhos da 6.ª Sessão da Comissão Mista Intergovernamental Angolano-Soviética. As duas partes constataram uma evolução positiva da cooperação no domínio da energia, particularmente no que se refere à construção da barragem hidrelétrica de Kapanda, na província de Malanje, no centro do país. O documento reitera a vontade das duas partes de desenvolverem a cooperação no domínio da agricultura.

EDUCAÇÃO

Bolsistas — Por volta de trezentos bolsistas angolanos em Cuba concluíram no mês passado os seus estudos médio e superior, distribuídos em diversas especialidades, como jornalismo, economia, veterinária, agronomia e outras.

Confraternização — Foi realizada em Praga uma cerimônia de confraternização para os cerca de cinqüenta bolsistas angolanos que terminaram este ano os seus cursos médios e superiores na Tchecoslováquia, como reconhecimento aos esforços daqueles que puderam adquirir conhecimentos em várias áreas do saber científico. Aproximadamente quatrocentos bolsistas angolanos freqüentam instituições de ensino médio e superior naquele país, que registra a segunda maior comunidade estudantil angolana na Europa, depois da União Soviética.

ANGOLA,
TERRA DA LIBERDADE

TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA

A Serviço da Reconstrução Nacional

TAAG — Av. Presidente Vargas 542/1603
Telefones: 263-9711, 263-4988 e 263-4911
Telefones no Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113

P-R15-25